



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

# NEWSLETTER

NÚMERO 131  
MARÇO 2012



## **Cinema português no Grande Auditório**

4

### Do Iraque para Portugal

Karwan Saadon Ahmad formou-se em Engenharia do Petróleo no Iraque, na universidade de Koya (Curdistão). Chegou a Portugal para fazer um doutoramento na sua área, no Instituto Superior Técnico, ao abrigo de um programa de bolsas da Embaixada do Iraque, apoiado pela Fundação Gulbenkian. De Portugal e de Lisboa pouco sabia e hoje diz que gosta muito do país, da música e da cidade onde é “muito fácil viver”. O retrato de um jovem que quer voltar ao Iraque para contribuir para o desenvolvimento do Curdistão.



© Mariana Lessa



Foto do filme *Cisne* de Teresa Villaverde

8

### Um fim de semana de cinema português

Desde as celebrações do cinquentenário, em 2006, que a Fundação Calouste Gulbenkian retomou os apoios à produção de filmes portugueses. Sem nunca ter deixado de apoiar a formação e a especialização nesta área, a Fundação financiou parcialmente uma dezena de filmes nos últimos anos. Sete dessas longas-metragens vão agora ser exibidas nos dias **10 e 11 de março**, no Grande Auditório, com a apresentação de Maria João Seixas, diretora da Cinemateca (ver secção Um Outro Olhar).

*A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.*

**NEWSLETTER** NÚMERO 131.MARÇO.2012 | ISSN 0873-5980

**Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação** Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
**COLABORAM NESTE NÚMERO** Ana Barata | Ana Godinho | André Cunha

**DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **FOTO DA CAPA** O Estranho Caso de Angélica, de Manoel de Oliveira | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares  
Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



10

### Filipa Oliveira no Jeu de Paume

Uma jovem curadora portuguesa foi escolhida para programar os espaços não convencionais do prestigiado museu parisiense, ao longo de 2012. Uma distinção que recai pela primeira vez num português e que foi o motivo para a entrevista que publicamos com Filipa Oliveira – a menina que sonhava ser bióloga marinha e que acabou por conquistar o mundo das artes.

22

### O futuro da alimentação

Perspetivar e debater os desafios da alimentação à escala global é um dos objetivos deste novo ciclo de conferências que se inicia a **9 de março**. O primeiro convidado é Charles Godfray, da Universidade de Oxford, que trará para o debate o projeto The Future of Food and Farming. Esta sessão contará também com a intervenção de Arlindo Cunha.

24

### Fanny Ardant na Fundação Gulbenkian

A musa de Truffaut, a atriz francesa Fanny Ardant, estará no palco do Grande Auditório para encarnar a heroína nacional francesa, na oratória *Jeanne d'Arc au Bûcher* do compositor franco-suíço Arthur Honegger (**dia 15, 21h e dia 16, 19h**). Num ano em que se comemoram 600 anos sobre o nascimento de Joana d'Arc, trata-se da primeira apresentação no palco do Grande Auditório desta obra marcante do século XX.



27

### O regresso da Monstra

O festival de animação Monstra terá de novo uma presença na Fundação Gulbenkian, entre outros espaços da cidade. O mote para este ano é a música e o cinema de animação. Para além dos filmes, apresentados em quatro programas entre **22 e 24 de março**, a Monstra contará também, entre os **dias 19 e 25**, com a instalação *Sync* de Max Hattler, com música de Dennis van Tilburg e com a exposição de desenhos originais de José Abel para o filme *E Lucevan le Stelle*, realizado pelo próprio.

## índice

### primeiro plano

4 **Do Iraque para Portugal**

### notícias

8 **Um fim de semana de cinema português**

10 **Curadora portuguesa no Jeu de Paume**

14 **IGC no topo do ranking dos financiamentos estrangeiros**

15 **Financiamento milionário para investigador do IGC**

16 **Um protocolo pelo património de Omã**

16 **Doenças tropicais negligenciadas**

17 **breves**

### bolseiros gulbenkian

18 **Cátia Moreso**

### um outro olhar

20 **Maria João Seixas**

### em março

22 **O futuro da alimentação**

24 **Joana d'Arc pela voz de Fanny Ardant**

26 **Exposições**

27 **O regresso da Monstra**

28 **novas edições**

29 **catálogos de exposições na biblioteca de arte**

### uma obra

30 **O32-60  
Fernando Lanhas**

### Aplicação Mobile da Fundação





© Mária Jéssa

primeiro plano.....

# Do Iraque para Portugal

“A mudança é uma coisa boa”

*Karwan vem do Iraque, tem 26 anos e está a estudar em Portugal, ao abrigo de um programa de bolsas de especialização em áreas que possam contribuir para o desenvolvimento do seu país de origem. Fomos conhecer este bolseiro, doutorando na área do petróleo, que gosta da “vida descontraída” de Lisboa.*

**A** Avenida da Liberdade, uma das principais artérias de Lisboa cujo bulício Karwan Saadon Ahmad gosta de observar da varanda do Cinema São Jorge, um dos seus locais preferidos na capital, podia servir como metáfora adequada ao caminho que este iraquiano, de origem curda, está a traçar para a sua vida. Oriundo do Norte do Iraque, depois do curso de Engenharia de Petróleo que fez na Universidade de Koya (Curdistão) e de algum trabalho no terreno, quis prosseguir estudos mais avançados nessa área e candidatou-se a uma bolsa de doutoramento no estrangeiro, sem saber o destino que o futuro lhe reservava. Acabou por ser selecionado como doutorando para o Centro de Modelização de Reservatórios Petrolíferos, no Instituto Superior Técnico (Lisboa), ao abrigo de um programa de bolsas de especialização em Portugal, estabelecido entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o Governo do Iraque, através da sua Embaixada em Lisboa.

### **A VIDA DESCONTRAÍDA DE LISBOA**

Foi assim que Karwan rumou a Portugal, um país sobre o qual pouco sabia, para além de que “tinha mar e muitos turistas”. Facto é que, por tudo o que nos conta, parece ter-se adaptado sem dificuldade. “Gosto muito de Portugal”, diz Karwan com um sorriso. Em Lisboa, onde estará instalado nos próximos cinco anos, até terminar o doutoramento, destaca “a vida descontraída”. Já esteve em Paris, onde o seu melhor amigo está a estudar, e diz que é muito diferente. “Aqui as pessoas são mais acolhedoras e não há tantas multidões. E, mesmo com frio, dá para passear.” O clima em Portugal faz com que se sinta “em casa”, por ser parecido com o do Curdistão, onde as temperaturas não são tão extremas (por causa das montanhas) como no resto do Iraque e a diferença entre as quatro estações é muito visível: “O inverno é muito frio, o verão muito quente, a primavera é muito bonita e o outono, então, é perfeito.” Quando tem tempo livre, gosta de passear pela baixa lisboeta, passando pelo Rossio e pela Praça do Comércio, com a sua “arquitetura fantástica”. Por vezes deixa-se ficar no Cais das Colunas, a contemplar a luz que se reflete no Tejo, ao som de músicos de rua. Como qualquer outro jovem, ao fim de semana também gosta de sair à noite com os amigos e ir até ao Bairro Alto. Partilha casa com um estudante do Chipre e outro de Itália, que apreciam os seus cozinhados. “Não preparo necessariamente pratos tradicionais do Curdistão, gosto de inventar e misturar ingredientes. E como me inscrevi há pouco tempo no ginásio, tem sido sobretudo comida saudável. No verão quero ir surfar!” Uma emoção compreensível para quem vem de uma região (e de um país) interior. Quando se sente mais sozinho, Karwan faz desenhos a caneta e já pensou comprar uma guitarra portuguesa, se não conseguir trazer para Portugal o instrumento de cordas curdo, que costumava dedilhar em casa. Está a aprender português,



mas não tem muitas oportunidades de praticar. As aulas no Instituto Superior Técnico são dadas em inglês e os seus colegas são, na sua maioria, estrangeiros. Mas mesmo com colegas portugueses a língua franca acaba por ser o inglês. Considera os portugueses amigáveis, de uma forma geral, mas também admite que a aproximação nem sempre é fácil. “Se eu disser que sou curdo, as pessoas não fazem a menor ideia do que estou a falar. Por outro lado, se disser que sou iraquiano, como as pessoas não conhecem o Médio Oriente, fazem uma associação instantânea com o que veem nas notícias – a guerra e as bombas. É a primeira impressão que as pessoas têm e ficam com medo de se aproximar”. Nada que o surpreenda, de resto. “Não faz mal, já esperava que isso acontecesse. Mas, quando explico que venho de um sítio diferente e falo da minha cultura, acho que acabam por compreender e aceitar-me.”

### **O OUTRO IRAQUE**

Nos últimos anos, o Governo Regional Curdo do Iraque tem promovido a região, que conta com cerca de cinco milhões de habitantes, através do *slogan* “o outro Iraque”. Karwan confirma: “Tenho orgulho em dizer que sou curdo no Iraque.” Por gozar de alguma estabilidade, o Curdistão, com uma história e uma cultura muito próprias, é uma região

mais desenvolvida e mais pacífica do que o resto do Iraque. Foi no Curdistão que Karwan nasceu e é em Hewlêr, capital do Governo Regional, que está a sua família. Tem três irmãos: um deles estuda Medicina, o outro Ciências da Computação e a irmã está a acabar o curso de Biologia e espera tornar-se investigadora. Os pais são professores, uma profissão que a mãe acumula com a escrita. “Ganhou no mês passado um prémio, por um poema que escreveu para crianças”, conta-nos Karwan com orgulho. A mãe, “uma lutadora”, que sempre se bateu pelos direitos humanos e pelos direitos das mulheres, em particular, tem três romances publicados em árabe e está agora a preparar o seu primeiro livro em língua curda, o que não teria sido permitido até 2003. “Hoje temos mais liberdade.”

Disponível e afável ao longo de toda a nossa conversa, só das memórias de guerra que Karwan guarda da infância é que prefere não falar. Com a maior delicadeza, pede para mudar de assunto. “São histórias tristes, não vos quero perturbar.” [Relembre-se que, entre outras agressões como a Guerra Irão-Iraque (1980-1988), milhares de curdos no Iraque foram também vítimas das atrocidades cometidas por Saddam Hussein.] As memórias de Karwan são dolorosas, mas o seu lema é “seguir em frente”.

“Os jovens do Médio Oriente estão agora a aprender a dizer não, é o início de qualquer coisa que temos esperança que continue e que traga ideias positivas.” Sim, ficou entusiasmado com a primavera Árabe. “A mudança é uma coisa boa. Mas... e agora? A primavera vai prolongar-se ou vamos entrar num longo inverno? Talvez, dentro de cinquenta anos, o mundo árabe consiga alcançar o que tem sido visto como um sonho. Primeiro, tem de haver mudança e, para as pessoas conseguirem isso, têm de saber dizer não.”

## O FASCÍNIO DO PETRÓLEO

Mesmo na paisagem, o Curdistão é uma região distinta do resto do Iraque. E rica em petróleo, um universo que sempre deixou Karwan fascinado. “Num campo de petróleo, todos os dias acontece alguma coisa nova. Gosto disso”, diz entusiasmado. “Dois furos com apenas 200 metros de distância podem apresentar resultados completamente diferentes: uma geologia diferente, uma experiência completamente nova.”

Quando acabou o curso de Engenharia de Petróleo, Karwan foi trabalhar para uma companhia de exploração petrolífera. Apercebeu-se que era o único curdo com conhecimento académico do que implica a perfuração de um poço. “Os curdos a trabalhar sob supervisão não sabiam operar as máquinas, que são muito perigosas, porque nos campos de petróleo temos de lidar com altas temperaturas e alta pressão. É uma bomba prestes a explodir”, explica. Parte do seu tempo foi aplicado em ações de formação sobre regras de segurança, sobre ambiente e poluição. Por outro lado,



Turma de engenharia na Universidade do Curdistão

diz que “há muitos árabes, mas menos de vinte curdos, com doutoramento nesta área”, um desequilíbrio que Karwan pretende ajudar a corrigir. Depois, tudo está relacionado com petróleo: a política, o dinheiro...

Quando lhe perguntamos o que pensa das chamadas energias alternativas, responde que o petróleo não pode ser reduzido apenas à sua vertente energética. “O petróleo está em todo o lado: na roupa, nos sapatos, em tudo o que nos rodeia. De certeza que nos próximos cinquenta anos o petróleo continuará a dominar o mundo.” “E quando acabar?”, insistimos. Com segurança, declara que o petróleo “não acabará nos próximos duzentos anos”. Concorde que haja investimento em fontes de energia mais limpas, menos agressivas para o ambiente, mas muito mais caras e, portanto, apenas sustentáveis para os países ricos. “O Médio Oriente é rico em recursos naturais, devemos usá-los. E o petróleo é mais que uma energia, está em todo o lado.”

Foi por isso que se candidatou ao doutoramento nesta área. No Instituto Superior Técnico, está a ser orientado pelo prof. Amílcar Soares, do Centro de Modelização de Reservatórios Petrolíferos. “Um verdadeiro cientista”, diz Karwan, que refere ainda António Costa e Silva, administrador-delegado da Partex Oil & Gas, por quem tem uma admiração imensa: “Tem um profundo conhecimento dos campos de petróleo. Quero ser como ele!”

Essa sede de conhecimento parece ser comum a grandes figuras ligadas ao petróleo, como Calouste Gulbenkian, cujo perfil não é estranho a Karwan. “Nesta área, só as pessoas extraordinárias é que chegam ao topo”, diz o jovem. Tal como o *Senhor Cinco por Cento*, que sempre defendeu os interesses do seu povo (arménio), também Karwan quer ajudar outros curdos, garantindo, por exemplo, que trabalhem em segurança nos campos de petróleo.

Despedimo-nos com um convite, para que Karwan regressasse alguns dias mais tarde à Fundação para a inauguração da exposição *Fernando Pessoa: Plural como o Universo*. Assim fez, com a promessa de que num próximo encontro a conversa será em português. ■



## Um fim de semana de **cinema português**



Filme do *Desassossego* de João Botelho

*A 10 e 11 de março, o Grande Auditório abre portas para o cinema português. Sete longas-metragens, realizadas por cineastas portugueses nos últimos quatro anos, serão apresentadas sob um denominador comum – todas foram apoiadas pela Fundação Gulbenkian.*

*No sábado e no domingo, poderão ser vistas as obras de Manoel de Oliveira, João Botelho, Alberto Seixas Santos, João Mário Grilo e Teresa Villaverde.*

O relançamento do cinema português, na década de 70, foi marcado pelo apoio da Fundação Gulbenkian ao que ficou conhecido como a época do *cinema novo*, que impulsionou o advento de novos cineastas. Tal como escreve, na secção Um Outro Olhar (pág. 20), Maria João Seixas, coordenadora desta mostra, a Fundação foi sempre uma “Casa do Cinema Português”, quer pelas bolsas concedidas ao longo dos anos a vários profissionais do cinema, quer pelos subsídios à produção em épocas diferenciadas da sua história.

Em 2006, no ano do cinquentenário, a Fundação voltou aos apoios diretos ao cinema. Depois da encomenda a Manoel de Oliveira do filme *O Improvável não É Impossível*, o realizador recebeu apoio para os filmes *Cristóvão Colombo – o Enigma*, *Singularidades de uma Rapariga Loura* e *O Estranho Caso de Angélica*. O mesmo aconteceu com outros filmes, documentários e ficção, que vamos poder ver neste fim de semana e ainda com os cineastas Paulo Rocha – *Se eu fosse ladrão... roubava* –, José Fonseca e Costa – *O Porto visto por Álvaro Siza* – e Pedro Costa – *Cem Mil Cigarros* –, cujos filmes ainda não podem ser exibidos por não estarem terminados.

## Programa

### SÁBADO, 10 DE MARÇO

**15h** Abertura

**15h20** Exposição Raul Lino (1970)  
Reportagem de António Campos

**15h30** *A Vossa Casa* (2011/2012) | João Mário Grilo

**16h45** *O Tapete Voador* (2008) | João Mário Grilo

**18h** *Singularidades de Uma Rapariga Loura* (2009)  
Manoel de Oliveira

**21h30** *Filme do Desassossego* (2010) | João Botelho

### DOMINGO, 11 DE MARÇO

**11h30** *E O Tempo Passa* (2011) | Alberto Seixas Santos

**15h30** *O Estranho Caso de Angélica* (2010)  
Manoel de Oliveira

**18h** *Cisne* (2011) | Teresa Villaverde



## **JOÃO MÁRIO GRILLO**

### **A VOSSA CASA**

Trabalhador incansável e em múltiplas frentes artísticas, o arquiteto Raul Lino (1879-1974) deixou uma obra fundamental para o entendimento dos modos portugueses de ser e habitar. O filme aborda esse legado a partir de textos escritos pelo arquiteto, os quais situam a problemática da Casa num contexto bem mais amplo do que a sua simples edificação. Imaginadas e desenhadas para pessoas, sendo por isso espelhos das suas personalidades, gostos e memórias, as Casas são o ponto de encontro entre o Homem, a Arte e a Natureza. Daí, a tremenda responsabilidade da Arquitetura: de quem a faz e de quem a usa. Esta será a primeira exibição do filme para o grande público.

### **O TAPETE VOADOR**

Um documentário, filmado no Irão, que lembra as origens do tapete persa e o facto de ter sido Portugal a sua porta de entrada na Europa. Quinhentos anos depois, o filme mostra, como escreve o próprio realizador, “gestos de fabrico originais e as suas formas e cores hipnóticas, que mantêm, ainda, toda a sua frescura e fascínio”. Concebido em forma de viagem, João Mário Grilo diz que este “é um filme sobre si próprio e, talvez mesmo, sobre a arte em geral e as suas paisagens infinitas e imemorais”, com uma revelação final sobre “o mistério do verdadeiro tapete voador, aquele através do qual tanta gente ‘voou’, como hoje se voa através do ecrã (tapete móvel) e dos seus poderes mágicos”.

## **MANOEL DE OLIVEIRA**

### **SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA**

Ao adaptar o conto de Eça de Queiroz, o realizador constrói, como diz, o seu “primeiro filme a partir de um escritor realista”, em que, numa viagem de comboio para o Algarve, Macário conta as atribulações da sua vida amorosa a uma senhora desconhecida. O primeiro papel de Catarina Wallenstein para Oliveira, ao lado de Luís Miguel Cintra, Leonor Silveira, Diogo Dória e Ricardo Trêpa, atores do universo do realizador que diz encontrar no seu filme “um certo lado enigmático que se manifesta sobretudo através dos reposteiros e do leque, que se revela nesse sentido, nesses segredos insondáveis da vida”.

### **O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA**

Na sinopse deste filme pode ler-se que um jovem fotógrafo, de nome Isaac, é chamado durante a noite para fazer o último retrato de uma jovem que morreu logo após o casamento. Descendente de uma família abastada da Régua, a jovem deslumbra Isaac pela sua impressionante beleza. E o sonho

acontece quando Isaac encosta o olho à lente: “a jovem parece voltar à vida, só para ele”. Perdidamente apaixonado, Isaac será assombrado por Angélica até à exaustão.

Um projeto de 1952, que Manoel de Oliveira decidiu deixar na gaveta e que retomou em 2010.

## **JOÃO BOTELHO**

### **FILME DO DESASSOSSEGO**

O universo pessoano e as palavras de Bernardo Soares numa visão do cineasta pela Lisboa de muitas faces. Cláudio da Silva encarna a personagem e o desassossego febril de Bernardo Soares, o homem que “inventa sonhos e estabelece teorias sobre eles”. Como se pode ler no texto sobre o filme: “A própria matéria dos sonhos torna-se física, palpável, visível. O próprio texto torna-se matéria na sua sonoridade musical. E, diante dos nossos olhos, essa música sentida nos ouvidos, no cérebro e no coração, espalha-se pela rua onde vive, pela cidade que ele ama acima de tudo e pelo mundo inteiro.” A belíssima fotografia de João Ribeiro faz luz sobre as figuras do universo de Botelho, num tempo em que o heterónimo de Pessoa está em cada um de nós.

## **ALBERTO SEIXAS SANTOS**

### **E O TEMPO PASSA**

Doze anos depois de *Mal*, Seixas Santos regressa às longas-metragens com esta história de uma atriz de telenovela, Teresa, que vive rodeada de jovens atores que encaram a vida como uma representação permanente. Na busca de uma resposta para o passado e para a solidão do presente, Teresa quer apenas compreender onde está a felicidade. Um filme sobre a vida, protagonizado por Sofia Aparício e Isabel Ruth.

## **TERESA VILLAVERDE**

### **CISNE**

Cinco anos passados sobre a realização de *Transe*, Teresa Villaverde volta à ficção para nos mostrar a história de uma cantora portuguesa que regressa a casa depois de um último espetáculo, do seu marido, de um acompanhante que a ajuda nas noites de insónia e de uma criança que mata um homem. Mais uma vez, como noutros filmes da realizadora, o personagem central é uma mulher, num papel desempenhado por Beatriz Batarda. Sobre *Cisne*, diz Teresa Villaverde que é muito sobre “o desequilíbrio de uma pessoa ser o equilíbrio de outra”, mas também sobre a liberdade. O filme foi apresentado no último Festival de Veneza, é o primeiro produzido pela sua própria produtora e tem direção de fotografia de Acácio de Almeida. ■

# Curadora portuguesa no Jeu de Paume



*“Desde cedo percebi que não me interessava o lado comercial da arte.”*

*Filipa Oliveira será a responsável, este ano, pela edição do projeto **Satellite do Jeu de Paume**, um programa de exposições concebido e adaptado aos espaços não convencionais deste prestigiado museu parisiense. A curadora e crítica de arte portuguesa tem o apoio da Fundação Gulbenkian, do Instituto Camões e da Embaixada de Portugal em França.*

O programa **Satellite** é confiado anualmente a um curador internacional, que explora um conceito e convida quatro artistas para lhe dar corpo, animando zonas como o hall, o foyer, a cafetaria ou piso intermédio do **Jeu de Paume**.

Filipa Oliveira escolheu os artistas **Jimmy Robert** (França), **Tamar Guimarães** (Brasil), **Rosa Barba** (Itália) e **Filipa César** (Portugal), que serão apresentados sob o título geral *O presente é uma terra estrangeira*.

As anteriores edições contaram com curadores de projeção mundial como María Inés Rodríguez, Elena Filipovic e Raimundas Malašauskas.

A edição de 2012 arrancou no final do mês passado com a apresentação de **Langue Matérielle**, de **Jimmy Robert**, sendo os restantes artistas apresentados ao longo do ano, até janeiro de 2013.

## UM RETRATO

Filipa Oliveira é uma das curadoras portuguesas mais requisitadas internacionalmente, apesar de, segundo diz, “ter chegado tarde à arte”. Quis ser bióloga marinha, mas acabou por seguir o curso de Comunicação Social e Cultural da Universidade Católica. Um estágio em Los Angeles, no Museum of Contemporary Art, fê-la descobrir o fascínio da arte contemporânea e mudou-lhe a vida. Ensaçou os primeiros discursos sobre arte nas visitas guiadas do Serviço Educativo do CAM e uma bolsa da Fundação Gulbenkian permitiu-lhe frequentar um mestrado em História de Arte Contemporânea na Goldsmiths University, em Londres. Desde cedo percebeu que a dimensão comercial desta carreira pouco lhe interessava. Tem vindo, por isso, a percorrer um caminho à margem das galerias tradicionais, explorando espaços menos convencionais ou respondendo a convites de instituições e galerias nacionais e internacionais para programar com grande liberdade criativa. Na Fundação Gulbenkian, foi responsável pela última edição da série de exposições 7 Artistas ao 10º Mês (1997-2008). Recentemente, foi convidada para colaborar

na *Revista Artforum*, uma das mais conceituadas revistas mundiais de arte contemporânea. Falámos com Filipa Oliveira numa altura em que inscreveu o seu nome na restrita lista dos curadores convidados pela galeria Jeu de Paume, em Paris.

#### **A SUA LIGAÇÃO À ARTE COMEÇOU NA INFÂNCIA?**

Posso dizer que cheguei muito tarde à arte. A música e a dança estiveram sempre mais presentes na minha educação do que propriamente as artes plásticas. Mas sempre viajei muito com os meus pais e via com eles muitas exposições. Há um momento absolutamente marcante, em Boston, tinha 14 ou 15 anos, durante a visita a uma exposição de Claude Monet. Lembro-me de ter desatado a chorar quando entrei na sala em que estavam expostas as grandes telas dos nenúfares. Foi uma experiência incrível, muito profunda. Houve um segundo momento decisivo, quando frequentei, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, um curso sobre Teorias da Arte Moderna que cruzava de um modo fascinante várias áreas artísticas. A possibilidade de tantos discursos sobre arte, bem como a possibilidade de ligação entre si, fez-me ver o campo infinito de possibilidades da cultura contemporânea.

#### **NESSA ALTURA FREQUENTAVA O CURSO DE COMUNICAÇÃO CULTURAL.**

Sim, tinha abandonado a ideia de ser bióloga marinha, que alimentava em miúda, depois de o meu pai ter dito que, com esse curso, iria passar a minha vida a estudar os camarões da ria de Aveiro [risos] e então inscrevi-me em Comunicação Cultural na Universidade Católica. No último ano do curso decidi fazer a especialização curricular em Gestão das Artes, no Centro Cultural de Belém. Circunstâncias várias da minha vida levaram-me, no ano seguinte, a Los Angeles. Lá resolvi contactar o Museum of Contemporary Art e oferecer-me como voluntária numa altura em que estavam a organizar a exposição *The Experimental Exercise of Freedom* com os artistas brasileiros Lygia Clark, Hélio Oiticica e Mira Schendel. Acontece que estavam a ter imensos problemas de comunicação com as famílias da Lygia e do Hélio e uma das dificuldades era precisamente a língua.

#### **DEVEM TER PENSADO QUE TINHA CAÍDO DO CÉU.**

Sim, aceitaram logo a minha proposta de estágio e disseram-me que podia começar quando quisesse. A investigação que fui fazendo para esta exposição levou-me a perceber a riqueza do trabalho de artistas que viviam no mesmo tempo e no mesmo mundo que eu. Mas talvez o mais importante tenha sido ter conhecido e trabalhado com a curadora venezuelana Rina Carvajal, que veio a revelar-se uma pessoa absolutamente fundamental na minha vida. Com ela, percebi a importância da arte contemporânea no nosso mundo e decidi o que queria fazer.

#### **E QUE PASSOS DEU A PARTIR DAÍ?**

Regressei a Lisboa e realizei um estágio na Galeria Pedro Cera. Foi muito importante porque, através dele, iniciei uma rede de contactos e de amizade com artistas e também porque desde logo percebi que não me interessava o lado comercial da arte. Depois fui para a Fundação Serralves em 2001, o ano da Capital Europeia da Cultura. Quinze dias depois de ter chegado, estava a produzir a exposição do Douglas Gordon [artista britânico, vencedor do Prémio Turner em 1996]. Foi extraordinário! Mas depois de ter trabalhado três anos, achei que me faltavam as bases da arte contemporânea. Percebi que a curadoria era uma coisa que podia aprender a fazer, que era uma coisa muito prática, mas havia a necessidade de uma base de pensamento.

#### **FOI ENTÃO PARA LONDRES FREQUENTAR UM MESTRADO.**

Sim, em História da Arte Contemporânea, na Goldsmiths University, com uma bolsa da Fundação Gulbenkian. Foi uma experiência muito criativa e inspiradora, centrada no pensamento e na cultura do século XX e no modo como os artistas se associaram a esse pensamento. E, depois, Londres é uma cidade com uma oferta tão grande que me sentia sempre em falta, com a sensação de que não estava a ver e a fazer tudo, quase como uma sanguessuga ávida de cultura contemporânea. Formámos um grupo muito unido de colegas e passávamos o tempo todo a ir a exposições, a falar sobre arte e a discutir ideias nas aulas.

#### **FALAR SOBRE ARTE DE UM MODO SIMPLES NÃO É COISA FÁCIL. PELOS VISTOS TREINOU BASTANTE POR LÁ ESSA COMPETÊNCIA.**

Sem dúvida, mas posso dizer que a minha anterior experiência no Serviço Educativo do CAM, entre 2000 e 2006, foi muito importante para desenvolver um discurso simples e articulado sobre arte. A Leonor Nazaré, conservadora do CAM e responsável na altura pelo setor, dava-nos total liberdade na escolha dos percursos, bem como no tipo de discurso sobre cada um deles. Há sítios onde te dão um guião para seguires, ali havia confiança no conhecimento e na responsabilidade das pessoas. Criei no CAM esse hábito de falar para o público sobre as obras de um modo estruturado e acessível.

#### **E QUAL FOI A SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO COMO CURADORA?**

Foi no Centro Cultural de Belém, chamava-se *Guardi, a Arte da Memória* e reunia quatro artistas: Alexandre Conefrey, Paulo Brighenti, Pedro Paixão e Pedro Proença. Incluía obras do Museu Nacional de Arte Antiga e era uma exposição que remetia para a invenção das ruínas e para a ficção na paisagem.

Depois dessa mostra e durante quatro anos, desenvolvi alguns projetos em parceria com o Miguel Amado [curador português que integra atualmente o departamento de curadoria da Tate St Ives, no Reino Unido]. Fomos responsáveis

pela programação de um pequeno espaço alternativo em Lisboa, a ArteContempo. Era um lugar aberto a projetos experimentais e foi o primeiro sítio a ter um espaço só dedicado a projetos de vídeo. Fizemos as primeiras individuais de jovens artistas como a Adriana Molder, o Rui Calçada Bastos ou o Pedro Barateiro, entre muitos outros.

#### **CURIOSAMENTE ESSE LADO “MARGINAL” ABRIU-VOS AS PORTAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO.**

Sim, em 2009, a Frieze Art Fair, em Londres, contactou a delegação no Reino Unido da Fundação Gulbenkian, porque estavam interessados em conhecer projetos alternativos em Lisboa, para incorporar na sua programação paralela, financiada, na altura, pela União Europeia. A partir desses contactos, o Miguel e eu fomos convidados para integrar essa programação. O nosso projeto partia de uma ideia do [Jean] Baudrillard [filósofo e sociólogo francês], que sustenta que, quando estamos a fazer trocas, a certa altura, há um momento da troca impossível, em que o valor se torna arbitrário, não sendo mais possível atribuí-lo. As coisas deixam então de ser comerciais e passam a ser subjetivas, poéticas. Convidámos seis artistas e cada dia havia um projeto que implicava trocas pessoais, ou algum tipo de troca ou contrato sem qualquer componente comercial.

Nesse ano, fomos também convidados para uma feira, em Londres, No Soul For Sale, a qual reuniu 60 projetos alternativos de todo o mundo que foi, mais tarde, apresentada na Tate Modern. No décimo aniversário da Tate, entrámos na Turbine Hall e tínhamos o nosso nome escrito no chão, e eu disse: “Está feito, posso ir para o céu! Miguel fotografa isto” [risos]. Foi maravilhoso contribuir para esse fervilhar de ideias e projetos que, de alguma maneira, desafiam o sistema e as instituições.

#### **MAS, POR CÁ, TAMBÉM FOI REALIZANDO VÁRIOS PROJETOS.**

Sim, organizei uma exposição no Palácio de Belém – *Jardim Aberto* –, para a qual convidei 16 artistas, muitos dos quais apresentaram trabalhos novos. Realizei, também, uma exposição na Eslováquia, no âmbito da visita do Presidente da República àquele país. Chamou-se *Café Portugal*, e teve uma pequena itinerância nacional. Depois, o Jorge Molder [diretor do CAM na altura] convidou-me para comissariar a exposição *7 Artistas ao 10º Mês*, um ciclo que tinha muito a ver comigo, gostei imenso de o fazer. Posso dizer que a passagem pela Gulbenkian foi outro marco fundamental para mim. Foi aliás, a última exposição desse ciclo, por isso fiquei com a sensação de que “matei” o *7 Artistas ao 10º Mês*: das duas uma, ou foi muito bom ou muito mau [risos].

#### **ENTRETANTO OS CONVITES LÁ FORA NÃO PARAVAM.**

Sim, fui convidada para um projeto de vídeo em Perth, uma vila a 40 minutos de Edimburgo, um desafio que se revelou

muito interessante. Durante um ano, fiz três exposições com artistas portugueses num teatro no centro da vila. O que era mesmo interessante naquele projeto era o facto de ser totalmente fora do mundo da arte contemporânea. O público ia ao teatro ou ia ouvir música e, de repente, era confrontado com imagens em movimento que tinha de tentar perceber.

#### **MAS CALCULO QUE UM DOS MOMENTOS MAIS EMPOLGANTES TENHA SIDO A PARTICIPAÇÃO NA BIENAL DE SÃO PAULO EM 2010.**

Foi mesmo. Rina Carvajal era uma das curadoras convidadas e pediu-me para ser assistente dela durante o evento. Estive lá três semanas e foi uma experiência incrível, porque eu não fazia ideia do que era a logística de uma bienal. Fiquei a saber como é o *backstage* de uma organização destas, o que implica, o que há para fazer. Esta bienal envolveu cerca de 140 ou 150 artistas, deu também para perceber que não me interessaria fazer uma bienal com tantos artistas [risos]. A estrutura incluía dois curadores principais, vários curadores convidados, uma equipa de assistentes e uma equipa muito grande de produção, com cerca de 20 pessoas, que trabalhavam com vários artistas ao mesmo tempo. Era a loucura total, mas ao mesmo tempo fez-me pensar: “Eu posso fazer isto um dia, acho que sou capaz.”

#### **ORGANIZOU, POUCO DEPOIS, UMA EXPOSIÇÃO DA HELENA ALMEIDA, EM INGLATERRA. COMO SURTIU?**

Fiz parte de uma equipa criada pela Delegação da Fundação Gulbenkian em Londres para pensar a estratégia para as artes visuais no âmbito das relações anglo-portuguesas. Este projeto trouxe vários curadores ingleses a Portugal e levou-nos a vários museus ingleses para perceber o que conheciam da cena artística nacional. Num desses contactos o diretor da Kettle’s Yard, em Cambridge, revelou interesse em realizar uma exposição da artista portuguesa Helena Almeida. Por acaso, nessa altura, a Caixa de Madrid apresentava uma exposição sua e levei lá a curadora da galeria inglesa e, a partir daí, começámos a trabalhar juntas na exposição. A exposição começou na Kettle’s Yard, em Cambridge, e depois foi para a John Hansard Gallery, em Southampton.

#### **QUE OUTROS FRUTOS DERAM ESSES CONTACTOS?**

O convite para fazer uma exposição no Mews Project Space, que é um espaço alternativo em Londres, nas traseiras da Whitechapel. A ideia era juntar um artista a viver em Portugal (ou português) e um artista a viver em Inglaterra (ou inglês). Achei que devia replicar a lógica da programação deste espaço em termos de curadoria, por isso convidei um curador inglês que tinha vindo a Portugal, o Aldo Rinaldi, para fazer a exposição comigo. Ele escolheu o Yonamine, um artista africano a viver em Portugal, e eu escolhi a Charlotte Moth, uma artista inglesa radicada em Paris.



Organizei também, em Cardiff, na Ffotogallery, uma exposição do fotógrafo português Daniel Blaufuks.

#### **E O QUE DIZ AGORA DESTE CONVITE PARA O JEU DE PAUME?**

Apesar das exposições internacionais que tenho feito, senti que era um convite para “outra liga”, não só por ser o Jeu de Paume, mas também pelo facto de os curadores anteriores serem todos de renome. Sinto-me a entrar noutra universo, até porque o curador da última edição está atualmente na Documenta de Kassel [uma das mais importantes mostras de arte contemporânea do mundo]. Isto cria alguma ansiedade.

#### **O QUE PROCUROU NESTA EXPOSIÇÃO?**

O tema tem a ver com a arqueologia do presente. Hoje em dia, há muitos artistas que tratam o presente de uma forma quase arqueológica, etnográfica, para falar de questões políticas, ao contrário da arte política dos anos 90, que era muito ativista, agressiva e explícita. Há vários artistas a trabalhar e a refazer a História, mostrando histórias que estão escondidas na História. Há histórias que ficam nas margens e que os artistas têm desvendado quase como arqueólogos ou etnógrafos. Como acho que esta é uma tendência muito atual, fui procurar artistas que trabalhavam esta ideia do presente quase como um sítio de investigação. Para além desta afinidade temática, há sempre questões de estratégia e pensei em artistas que não tivessem exposto em Paris, nem tivessem feito exposições muito grandes. Como independente, tenho a vantagem de poder escolher com quem quero trabalhar.

#### **É UMA ESCOLHA SUA SER UMA CURADORA INDEPENDENTE?**

Em Portugal, há pouco espaço em instituições, é tudo muito feito em função do diretor que programa, não há muita

abertura para aceitar curadores externos. Não existe lugar para nós, restam-me as margens e criar um espaço, um lugar para mim própria. A minha carreira tem sido a procura desse lugar. Por isso vou manter-me como independente e apostar nos projetos internacionais. É para isso que estou a trabalhar.

#### **MAS SE PUDESSE ESCOLHER PARA ONDE PENDERIA A BALANÇA?**

Tenho sentimentos antagónicos. Por um lado, gosto muito de trabalhar em equipa (e trabalhar com o Miguel Amado tem sido muito importante), porque gosto de discutir ideias e de pensar os projetos em conjunto. Gosto também de projetar a longo prazo, que é algo de que sinto imensa falta enquanto independente. Faço uma coisa aqui, outra ali e, se algumas fazem sentido como conjunto, na maior parte, não têm relação entre si, são soltas: convites, ideias

*“vou manter-me como independente e apostar nos projetos internacionais. É para isso que estou a trabalhar.”*

que tenho, artistas com quem eu gostava de trabalhar, mas não é uma programação. Disso sinto falta. Por outro lado, como independente, tenho uma enorme liberdade para trabalhar com os artistas e com as instituições, estabeleci uma rede internacional muito forte que me vai permitir trabalhar fora de Portugal nos próximos anos.

#### **PODE REVELAR JÁ ALGUNS DESSE PROJETOS?**

Estou a trabalhar num projeto com o Pedro Barateiro, em Inglaterra, em princípio outra vez no Kettle’s Yard. Tenho também em mãos outra colaboração com o Aldo Rinaldi, de uma exposição da artista inglesa Katie Paterson, em Madrid, na La Casa Encendida, e em Inglaterra, na Mead Gallery, que pertence à Universidade de Warwick. Esta exposição vai ter uma itinerância bastante grande. Internamente, estou a trabalhar numa exposição da Patrícia Garrido, que não expõe há bastante tempo, na EDP, no Porto, e na Casa das Histórias – Fundação Paula Rego, em Cascais. Estou também a preparar uma exposição da Fernanda Fragateiro para a Fundação de Serralves, que também terá uma itinerância internacional, mas isso será só daqui a alguns anos. ■



# IGC no topo do *ranking* dos financiamentos estrangeiros

O financiamento conseguido por Miguel Soares (ver página seguinte) é o mais recente numa série de candidaturas de sucesso apresentadas por investigadores em Portugal. É, sobretudo, um sinal do sucesso do Instituto Gulbenkian de Ciência: nos últimos cinco anos, vinte dos vinte e três grandes financiamentos nas ciências biomédicas para cientistas a trabalhar em Portugal foram atribuídos a cientistas que estão ou já estiveram no IGC.

Dada a missão do IGC de “educar ou importar, incubar e redistribuir no país investigadores de excelência”, estes dados indicam que o IGC, para além de ser a instituição portuguesa com o melhor índice bibliométrico (número de citações internacionais por artigo científico publicado), é ainda aquela que mais tem contribuído para o investimento estrangeiro na ciência em Portugal, quer através dos seus investigadores, quer daqueles que o IGC “incubou” para outras instituições. Esta conclusão reforça a convicção que o IGC tem cumprido cabalmente a sua missão de servir as outras instituições congéneres em Portugal. ■

## Financiamentos assegurados por investigadores do IGC:

- 10 de 11 financiamentos do Conselho Europeu de Investigação;
- 4 de 4 financiamentos da organização Human Frontiers Science Programme (criado por iniciativa da organização do G8);
- 4 de 5 financiamentos da organização filantrópica norte-americana Howard Hughes Medical Institute;
- 2 de 3 financiamentos da Fundação Bill e Melinda Gates.

### A Newsletter errou

Por lapso, a fotografia publicada na edição anterior da Newsletter, a ilustrar o artigo intitulado “Ciência Portuguesa Marca Pontos”, não era de Karina Xavier, mas de Luísa Figueiredo do Instituto de Medicina Molecular. Aqui se publica a fotografia de Karina Xavier, cientista do IGC, uma das investigadoras financiadas pelo Howard Hughes Medical Institute.



# Financiamento milionário para investigador do IGC



*O European Research Council atribuiu à equipa de Miguel Soares, do Instituto Gulbenkian de Ciência, um financiamento no valor de 2,2 milhões de euros por um período de cinco anos, para investigar os mecanismos subjacentes à “tolerância à infeção”. O trabalho deverá abrir caminho ao desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas para controlar as manifestações clínicas de várias doenças infecciosas.*

Quando ocorre uma infeção, não basta eliminar o agente infeccioso do organismo. Tão importante como combater a infeção é refrear danos suportados pelos tecidos do hospedeiro. Estes danos são provocados por toxinas libertadas pelo patógeno, mas também pelos componentes do sistema imune recrutados para eliminar o invasor. De facto, são estes danos sobre tecidos e órgãos que, quando não controlados, levam às consequências muitas vezes mortais da infeção.

Há vários anos que Miguel Soares, coordenador do grupo de Inflamação no IGC desde 2004, se sente fascinado pela capacidade intrínseca que um indivíduo infetado tem de refrear a extensão dos danos causados por agentes infecciosos – um fenómeno conhecido por “tolerância à infeção”. É um fenómeno diferente do de “resistência à infeção”, que tem como objetivo combater a infeção reduzindo a quantidade de patógeno no hospedeiro. A tolerância à infeção atua no sentido de limitar os efeitos nocivos da resposta à infeção, *qualquer* que seja a quantidade de patógeno presente, por exemplo, na circulação sanguínea.

Com a sua equipa, Miguel Soares identificou já um número restrito de mecanismos de “tolerância à infeção” em ratinhos e mostrou que estes mecanismos operam em doenças como a malária e a sepsis grave, por exemplo. Os investigadores acreditam que existirão outros mecanismos protetores, que atuam de forma semelhante aos que já conseguiram identificar, mas noutras doenças infecciosas. E serão todos coordenados pelos chamados “programas genéticos protetores”. O objetivo da equipa é identificar os vários mecanismos e descrever de que forma atuam os programas genéticos que os regulam. Os programas genéticos protetores tornar-se-ão, deste modo, alvos terapêuticos para uma gama de doenças infecciosas. Doenças infecciosas como a malária ou a sepsis grave são,

ainda hoje, grandes desafios médicos, pelo elevado número de mortes que causam, em todo o mundo. O trabalho realizado pela equipa de Miguel Soares ao longo dos últimos anos sugere que os poucos resultados obtidos no combate a estas doenças se devem ao facto de as terapias atualmente disponíveis serem quase exclusivamente direcionadas para a eliminação do patógeno, sem ter em conta a necessidade de controlar danos causados nos tecidos do hospedeiro. A investigação agora premiada com o financiamento milionário testa diretamente o pressuposto de que o controlo de danos deve também ser considerado uma vertente crucial no combate às doenças infecciosas. Os investigadores esperam identificar alvos terapêuticos que permitam corroborar a sua hipótese.

## **Os apoios do European Research Council (ERC)**

Os financiamentos ERC Advanced Grants são atribuídos a líderes de grupos de investigação “excepcionais”, que “realizem projetos inovadores, de alto risco, e que abram novos caminhos nas suas áreas de investigação ou em domínios afins”. Os projetos, em três domínios científicos, são selecionados com base apenas na excelência científica. No concurso de 2011 (o quarto desde que se iniciou este programa), foram aprovados 294 de 2284 projetos concorrentes (correspondendo a uma taxa de sucesso de 12 por cento).

Das 20 candidaturas submetidas por investigadores a trabalhar em Portugal, foram selecionados apenas dois projetos: o de Miguel Soares, nas Ciências da Vida, e o de Rita Marquilhas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Esta é apenas a segunda vez que um financiamento ERC Advanced Grants é atribuído nas Ciências da Vida, em Portugal, e ambos foram assegurados por investigadores no IGC. ■

# Um protocolo pelo património de Omã



Assinatura do Memorando de Entendimento pelo subsecretário do Ministério do Património e Cultura de Omã e pelo presidente da Fundação Gulbenkian

**A** Fundação Calouste Gulbenkian vai apoiar a formação de técnicos do Museu Nacional de Omã, e também a gestão das coleções, os serviços educativos e o acolhimento ao público no Museu. No protocolo assinado com o Ministério do Património e Cultura de Omã, no dia 13 de fevereiro, são expressas várias colaborações entre a Fundação e o Sultanato que representam o culminar de um ano de cooperação entre as duas entidades para a recuperação do Museu Nacional de Omã, em Mascate.

Com o objetivo de promover o setor museológico de Omã, bem como de preparar um programa que fomente atividades culturais e exposições, o Memorando de Entendimento assinado estabelece que a Fundação Gulbenkian irá coordenar o programa de conservação preventiva, iniciado em 2011 e que

inclui trabalhos de conservação e restauro no acervo do Museu Nacional. A Fundação apoiará também a formação de técnicos em áreas como a gestão das coleções, os Serviços Educativos – com os quais estará envolvido o Programa Descobrir – Programa Gulbenkian para a Educação e Cultura – ou o acolhimento do público. O protocolo prevê igualmente a realização de estágios para profissionais do novo museu. A propósito das ligações seculares entre Portugal e Omã, estão a ser construídos em Lisboa, pelo mestre Carlos Montalvão e com o apoio científico do Museu de Marinha, três modelos de embarcações de grande dimensões que figurarão entre as obras de referência do renovado museu. Uma caravela latina dos finais do século XV, uma nau do século XVI e um junco chinês do século XV, utilizado até ao domínio marítimo português do Índico e do Golfo Pérsico, serão as embarcações que, nas galerias sobre Omã e o mundo, ilustrarão a antiga influência do nosso país nesta região do globo.

Estas colaborações entre a Fundação Gulbenkian e o Sultanato estão longe de ser inéditas; a Fundação já levou ao Bait Al Zubair Museum, de Mascate, a exposição *Islamic Art in the Calouste Gulbenkian Collection*, que se distinguiu entre as várias atividades culturais realizadas em Omã. Realizada em colaboração com a Partex, esta exposição apresentou cinco dezenas de obras maiores da coleção de arte islâmica do Museu Calouste Gulbenkian, numa cronologia que se estendia do século XII ao século XX, e registou grande adesão. Agora, no espírito recíproco deste protocolo, à nova exposição das coleções da Fundação no Sultanato corresponderá uma exposição em Lisboa do Museu Nacional de Omã. ■

## Doenças tropicais negligenciadas

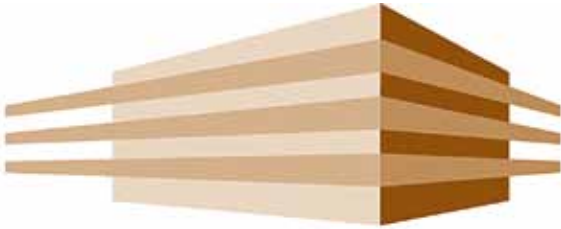
**M**aputo foi a cidade escolhida este ano para a realização da 3.ª Conferência Internacional *Neglected Tropical Diseases: Hidden Successes, Emerging Opportunities*, que aconteceu entre os dias 30 de janeiro e 1 de fevereiro, com a colaboração do Centro de Investigação em Saúde de Manhica. Entre palestras e seminários, foram apresentados os candidatos selecionados no Concurso de Bolsas Pós-Doutorais para jovens investigadores africanos, destinado a financiar projetos de investigação no domínio das Doenças Tropicais Negligenciadas.

A Fundação Calouste Gulbenkian e as fundações Volkswagen, Mériex, Nuffield e Cariplo, estão reunidas desde 2008 numa parceria destinada a combater estas doenças que afetam cerca

de mil milhões de pessoas em todo o mundo e que atingem principalmente populações que vivem em climas tropicais e subtropicais, em condições de extrema pobreza. Apesar de fortemente incapacitantes, não provocam o número de mortos de doenças como a sida, a tuberculose ou a malária, daí a pouca prioridade que lhes é atribuída a nível de saúde pública.

A ideia de criar uma academia africana sobre esta matéria foi uma das propostas apresentadas em Maputo e que colheu aplausos por parte dos bolseiros. Com a primeira edição do programa de bolsas pós-doutorais a chegar ao fim, a Academia é encarada como uma forma de manter os participantes desta iniciativa ligados e um modo de permitir a intervenção de outros investigadores africanos. ■





## Conferências de Ciência

“Ter muitas ideias, e a coragem de deitar quase todas fora”, terá respondido Linus Pauling, vencedor do Nobel da Química em 1954, quando um jornalista lhe perguntou o que era preciso para se alcançar tão nobre distinção. Este será o mote para a próxima conferência do ciclo Matemática: A Ciência da Natureza, que Dinis Duarte Pestana, do Centro de Estatística e Aplicações da Universidade de Lisboa, preparou para dia 28 de março, às 18h. A Estatística é atualmente uma ciência multifacetada, que usa a linguagem da probabilidade para avaliar se as hipóteses sob investigação que os cientistas avançam são de facto meritórias. Assim, “a incerteza e o acaso acabam por ser convertidos em aliados, em vez de inimigos, na aventura da criação do conhecimento”, diz o professor. Nesta conferência serão discutidos alguns exemplos, não esquecendo os que também mostram que a Estatística pode ser mal usada. A entrada é livre. ■

## Prémio Calouste Gulbenkian

A té 15 de abril estão abertas as candidaturas, nacionais e internacionais, para o novo Prémio Calouste Gulbenkian destinado a distinguir pessoas ou instituições que se tenham destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana. Este prémio anual, no valor de 250 mil euros, é uma homenagem aos valores defendidos por Calouste Sarkis Gulbenkian e será entregue na Fundação Gulbenkian no dia 20 de julho, data que assinala a sua morte. Mais informações e candidaturas *online* em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt). ■

## Cátedra Calouste Gulbenkian

A Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa já tem oficialmente, desde 27 de janeiro, uma Cátedra Calouste Gulbenkian na área dos Cuidados Paliativos. Como referiu o presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar, a opção pelos cuidados paliativos é uma forma de responder às insuficiências do nosso país nesta área. Peter Lawlor, da Universidade de Ontário, uma referência internacional nesta matéria, será o professor titular da cátedra, que tem por missão enfatizar a dimensão social da Medicina, promovendo a sua interação com a cultura e com as ciências sociais e, relativamente aos cuidados paliativos, apoiando a investigação e a formação. ■

## Emílio Rui Vilar no Comité de Nomeações do Centro Europeu de Fundações

O presidente da Fundação Gulbenkian foi convidado a integrar o Comité de Nomeações do Centro Europeu de Fundações (EFC). Este comité tem a função de monitorizar e acompanhar a composição do Governing Council e do Management Committee, no sentido do seu equilíbrio geográfico e de género. A próxima assembleia-geral do EFC realiza-se em junho, em Belfast. ■

## Uma antologia sobre literatura e medicina

No dia 27 de Março, será apresentada ao público a nova antologia sobre medicina e literatura portuguesa, intitulada *A caneta que escreve e a que prescreve*, com organização de Clara Crabbé Rocha. Esta edição da Babel, com o apoio da Fundação Gulbenkian, nasceu no âmbito do Fórum Gulbenkian Saúde 2006 dedicado à Medicina e outras Artes. Como refere o presidente da Fundação Gulbenkian no prefácio, esta antologia é o resultado de “um exaustivo trabalho de investigação, percorrendo um arco temporal que vai do séc. XIII até à atualidade”, em que praticamente todos os géneros literários estão contemplados “numa rica e estimulante variedade de autores, épocas, temas e estilos”. ■



Cátia Moreso | 30 anos | Área: Música\*

# O meu lugar é no palco!

## COMEÇOU POR ESTUDAR GUITARRA CLÁSSICA. O QUE A FEZ OPTAR DEPOIS PELO CANTO?

Desde cedo que me habituei a ouvir ópera porque o meu pai foi sempre um grande fã, sobretudo de Pavarotti, mas, na altura, não imaginava a importância que a ópera viria a ter na minha vida. Entrei para o Conservatório de Música D. Dinis, em Odivelas, porque queria aprender guitarra para tocar com os amigos, mas quando tive as minhas primeiras aulas de coro, apaixonei-me perdidamente pelo canto. Na altura, o Conservatório não tinha aulas de técnica vocal, o que veio a acontecer dois anos mais tarde. Fui uma das primeiras a frequentar essas aulas, convencida de que iriam ensinar-me a cantar como uma *pop star* (na altura o Chuva de Estrelas estava na moda). Claro que estava completamente equivocada! O tal bichinho incutido pelos meus pais começou a desenvolver-se com as aulas, e algum tempo depois tomei a decisão de ser cantora lírica. Inscrevi-me no Conservatório Nacional, ao mesmo tempo que fazia uma licenciatura em Design de Interiores e era, ainda, reforço no coro do Teatro São Carlos. Foi uma época difícil em termos de carga horária, mas estava disposta a sacrificar tudo para seguir aquilo que mais gostava de fazer. Muitas vezes pensei que era demais e que queria parar, mas nunca pensei em desistir de cantar. Estar no Coro de São Carlos,

e fazer parte da “nossa” casa de ópera foi uma experiência que nunca vou esquecer. Partilhar o palco com bons profissionais e bons solistas fez-me sonhar com uma carreira.

## SONHO QUE A FEZ SAIR DO PAÍS...

Sim, no ano anterior à minha ida para Londres, a minha amiga Susana Gaspar obteve uma bolsa da Fundação Gulbenkian e foi aceite na Guildhall School. Foi o impulso que precisava para sair de Portugal e tentar a minha sorte. Assim, fiz a minha licenciatura com nota máxima na Guildhall e entrei para o mestrado no curso de ópera, para o qual tive a felicidade de conseguir uma bolsa da Fundação Gulbenkian. O curso de ópera foi decisivo, na medida em que veio reforçar aquilo que sinto: o meu lugar é no palco! No primeiro ano do curso fizemos cenas de ópera e no segundo realizámos produções. Assim que nos “transformamos” em diferentes personagens, através da maquilhagem e dos figurinos, a magia acontece. E assim que abre o pano, somos outra pessoa. Aquele segundo antes de pisar um palco, ouvir a orquestra e cantar, é sem dúvida um dos mais mágicos. O curso de ópera pareceu-me uma boa oportunidade também para ser vista e começar a ser conhecida no meio londrino, já que vários agentes e pessoas assistem com regularidade às produções. Fazer o curso também me



possibilitou cantar no coro de Glyndebourne, no verão do ano passado, o que foi, sem dúvida, outra experiência enriquecedora.

#### **FINDO O MESTRADO, FREQUENTA AGORA O NATIONAL OPERA STUDIO DE LONDRES.**

Sim, é muito difícil conseguir um lugar no National Opera Studio. Sinto-me, por isso, privilegiada por fazer parte dessa “família”. Somos apenas 12 cantores e, num país onde dão primazia aos nacionais, conseguir entrar foi uma vitória. É sem dúvida um dos melhores cursos que frequentei, mas também um dos mais intensivos e cansativos.

Começamos às dez e meia da manhã e acabamos às cinco e meia da tarde, apenas com uma hora de almoço. No Studio, não há tempo para descansar, estamos lá para trabalhar. Temos sessões com diversos maestros e corpetidores conceituados do Reino Unido e de outros países. Durante o ano letivo, o curso baseia-se em recitais à hora de almoço, três produções de cenas de ópera, duas grandes produções de cenas com orquestra (este ano com a Welsh National Opera e a Opera North) e a preparação de três papéis de ópera. Fazemos ainda audições para agentes e, no final do ano, realizamos um *Show Case* para as companhias de ópera do Reino Unido.

#### **QUAL FOI O MOMENTO (ENTRE ATUAÇÕES, PRÉMIOS E AULAS) QUE MAIS A MARCOU ATÉ HOJE?**

É muito difícil de responder. Acho que todos eles foram marcantes, desde a primeira ária que cantei (“Follow your saint”, de Thomas Champion), que foi a razão de estar onde estou hoje, até à mais recente atuação que fiz com a Welsh National Opera. Todas têm uma poesia diferente. Todas me fizeram ser o que sou em palco.

#### **E QUE TAL É VIVER EM LONDRES?**

Viver em Londres... É frio e cinzento! A vida é cara para um estudante, e o preço dos quartos bastante elevado. Mas é uma cidade extraordinária. Confesso que o meu primeiro ano em Londres foi muito difícil em termos de adaptação, por estar longe da minha família e num país com uma cultura tão diferente. Mas, hoje em dia, sem dúvida, vejo esta cidade com outros olhos. É uma cidade cheia de oportunidades e de grandes acontecimentos, principalmente nas artes. Em qualquer esquina tem algo extraordinário, algo único. O mais atrativo de Londres é ser tão cosmopolita. ■

*\*Bolseira da Fundação Gulbenkian na Guildhall School of Music and Drama, Londres*



# Ajudar a Fazer para Poder Dar a Ver

## A Fundação Calouste Gulbenkian e o Cinema Português

Por Maria João Seixas

**H**á uma frase do jurista João das Regras, chegada a nós do longínquo século XIV, que sempre inspirou e guiou a minha atenção sobre o mundo e suas gentes: “Olhai bem, porém vede.”

Sabendo nós que olhar pode ser **para** e/ou **por**, a verdade é que o cinema português não tem sido bafejado por qualquer destes exercícios da preciosa função do **olhar** – nem pelo Estado, a quem compete garantir a sua existência, nem pelos espectadores portugueses, primeiros e estranhos destinatários que quase militantemente o vão ignorando. Ao primeiro tem faltado o cumprimento, com a regularidade e a estabilidade exigíveis, das atribuições financeiras indispensáveis para que os criadores possam criar; aos segundos não tem assistido o desejo e a curiosidade de **olhar** e **ver** cinema português, por temerem talvez o encontro com o seu próprio retrato, projetado em ecrã por imagens em movimento, já que os filmes sempre deles falam.

A Fundação Calouste Gulbenkian é por todos reconhecida como uma instituição privada, de excelência. À sua criteriosa e continuada programação cultural, particularmente no domínio da música e das artes plásticas, juntam-se os apoios a projetos de cariz social, bem como o extraordinário empenhamento consagrado à investigação científica. É hora de lembrar, de novo e por ocasião deste programa, que a Fundação é também, muito e de há longa data, uma Casa do Cinema Português.

Foi nos anos 60 que a atenção da Fundação Gulbenkian começou a dirigir-se para a necessidade de olhar **para** e **pelo** Cinema Português. A atribuição de bolsas no estrangeiro a candidatos das áreas técnica e artística de Cinema (de 1961 até meados da primeira década de 2000, foram mais de uma centena os contemplados), a criação de uma Secção de Cinema no seu Serviço de Belas-Artes, os apoios pontuais a Festivais e Mostras de Cinema Amador e uma ou outra encomenda de documentários são alguns exemplos dos primeiros passos dados por esta Casa no reconhecimento da importância do Cinema como expressão artística que merecia ser ajudada, que merecia existir. Mas é no arranque da década de 70 que a Fundação assume desassombadamente apoiar a renovação do Cinema Português: colabora decisivamente para a formação do Centro Português de Cinema, garantindo o financiamento, por três anos, à produção das obras livremente escolhidas e propostas pela nova cooperativa. O Regime responde com a criação do IPC – Instituto Português do Cinema, e os cineastas do CPC começam a receber subsídios estatais. Acontece depois o 25 de Abril, o CPC dissolve-se e a Fundação dá por terminado o seu plano de ajuda como entidade financiadora, continuando embora, de modos diferentes e até hoje, a olhar **para** e **pelo** Cinema Português, garantindo a continuidade da sua existência com apoios pontuais à produção.

João Bénard da Costa em *Cinema Português: Anos Gulbenkian*, catálogo produzido no âmbito do Ciclo de Cinema Português e inserido nas Comemorações do Cinquentenário da Fundação, remata assim o seu importante e clarificador texto: “No domínio do Cinema, a Fundação deu cartas. Não foi exceção. Foi regra.”

O apoio financeiro dado aos filmes que integram o programa destes dois dias de Cinema Português no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian confirma a regra, que é de ouro – estamos numa Casa do Cinema Português. Casa acolhedora e atenta, casa comprometida em **Ajudar a Fazer para Poder Dar a Ver.** ■



**em março**

Exposição Fernando Pessoa: Plural como o Universo

# O Futuro da Alimentação

## Ambiente, Segurança e Economia

*Inicia-se já este mês, no Auditório 3, um novo ciclo de conferências que irá discutir o futuro da alimentação global. Com base na percepção de que, a médio prazo, a nossa capacidade para alimentar o mundo, num planeta limitado no que diz respeito a recursos naturais, poderá diminuir, este debate terá em conta a conjugação de fatores como a dinâmica demográfica, o crescimento económico e as transformações nos padrões de consumo alimentar.*

Com o crescimento da população humana e o crescimento do consumo de proteína animal nas economias emergentes (China e Índia), até 2030, será necessário produzir muito mais alimentos. A escassez de água e de energia vai acentuar-se e a expansão da terra cultivada, através da desflorestação, vai agravar as alterações climáticas, dificultando a produção de alimentos em muitas regiões do globo. A procura de alternativas para o petróleo como os biocombustíveis irá competir, por outro lado, com a produção de alimentos na utilização de terra disponível. É a ideia de “tempestade perfeita”, termo utilizado por John Beddington (*chief scientific advisor* do Governo britânico) em 2009, que pretende reforçar o dramatismo do problema conjunto,

quando comparado à soma dos problemas individuais. Ou ainda, como explica José Manuel Lima Santos, professor do Instituto Superior de Agronomia e responsável por este programa de conferências, “num mundo de múltiplos fatores de escassez interligados acontece que, como quando puxamos um cobertor curto para cima, vamos ficar com os pés de fora”.

### **SOLUÇÕES INOVADORAS PROCURAM-SE**

As ideias-chave que orientaram a organização deste ciclo de conferências sobre o futuro da alimentação são a necessidade de soluções inovadoras e de diálogo interdisciplinar alargado entre os diversos intervenientes na cadeia alimentar: agentes económicos, administração pública e cientistas. “Procuramos soluções inovadoras porque as soluções do passado tiveram frequentemente custos ecológicos, de saúde pública e de subdesenvolvimento muito significativos e possivelmente inaceitáveis”, explica Lima Santos. Soluções que deixarão de servir, aliás, porque os desafios do futuro são diferentes e de uma outra magnitude. O objetivo é assim realizar um debate alargado e integrador, que promova o diálogo interdisciplinar e a emergência de novas visões. Mas não é só a decisores públicos, agentes económicos, profissionais e investigadores preocupados com os diversos problemas colocados pela produção e consumo de alimentos, a nível local, nacional ou global, que estas conferências se dirigem. “Devido às ligações próximas da produção e consumo de alimentos com a saúde humana e o ambiente, as conferências são também particularmente relevantes para aqueles que se preocupam com a pegada ecológica e com os efeitos na saúde humana que resultam dos nossos atuais (e futuros) padrões de produção e consumo de alimentos”, reforça Lima Santos.

A conferência de abertura, no **dia 9** (ver programa completo), fará um enquadramento global da produção e consumo de alimentos e tem como oradores convidados Charles Godfray, da Universidade de Oxford, e Arlindo Cunha, antigo ministro da Agricultura. O primeiro vai trazer para o debate o projeto The Future of Food and Farming, que analisou o conhecimento disponível numa vasta gama de disciplinas científicas, das ciências naturais às ciências sociais, com vista a sondar futuros possíveis, identificar escolhas e avaliar as opções face aos desafios colocados pelos múltiplos fatores de escassez generalizada. Arlindo Cunha, por sua vez, falará sobre a PAC e a globalização.

Este ciclo de conferências, de entrada livre, é organizado pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, com o apoio do Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento. ■

## **O Futuro da Alimentação. Ambiente, Segurança e Economia**

Auditório 3

### Conferências

**9 DE MARÇO, 17H30**

#### **ENQUADRAMENTO GLOBAL DA PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTOS**

Abertura: José Lima Santos

Oradores:

• Charles Godfray: The Future of Global Food and Farming

• Arlindo Cunha: A PAC e a Globalização

Comentadores: Isabel do Carmo/Pedro Graça

Relatora: Isabel Ribeiro

**11 DE ABRIL, 18H**

#### **ALIMENTAÇÃO E SAÚDE**

**17 DE MAIO, 18H**

#### **ALIMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

**14 DE JUNHO, 18H**

#### **ALIMENTAÇÃO E ECONOMIA**

**16 DE OUTUBRO, 18H**

#### **ALIMENTAÇÃO, AMBIENTE E PISCAS**

**2 DE NOVEMBRO, 18H**

#### **ALIMENTAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE**

**13 DE DEZEMBRO, 18H**

#### **ALIMENTAÇÃO, CULTURA E ÉTICA**

### Workshops

**11 DE ABRIL, 16H**

#### **ALIMENTAÇÃO EM TEMPO DE CRISE**

(dirigido aos diretores clínicos e executivos dos Centros de Saúde)

**14 DE JUNHO, 16H**

#### **CASOS DE SUCESSO NA ÁREA ALIMENTAR**

**13 DE DEZEMBRO, 16H**

#### **APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DE UM ESTUDO SOBRE DESPERDÍCIO ALIMENTAR EM PORTUGAL**

# Joana d’Arc pela voz de **Fanny Ardant**

A atriz Fanny Ardant subirá ao palco do Grande Auditório para encarnar a heroína nacional francesa, na oratória *Jeanne d’Arc au Bûcher*, do compositor franco-suíço Arthur Honegger (dia 15, 21h e dia 16, 19h).

Num ano em que se comemoram seis séculos sobre o nascimento de Joana d’Arc, trata-se da primeira apresentação no palco do Grande Auditório desta obra marcante do século XX, centrada nesta figura mítica, que, guiada por vozes, conduziu os exércitos franceses na luta contra os ocupantes ingleses e acabou queimada na fogueira aos 19 anos, acusada de heresia.

Composta a partir de um libreto de Paul Claudel e escrita para coro, orquestra e dois narradores, a ação dramática desdobra-se em 11 cenas, a partir de uma sequência de *flashbacks*, ao sabor de uma música que cruza canções medievais, populares, temas barrocos, fanfarras militares e jazz dos anos 30. Inicialmente relutante em aceitar o pedido de Honegger, Paul Claudel acabou por se envolver de tal forma na criação desta obra, que o compositor franco-



© Carole Bellatche

-suíço dizia, modestamente, ter sido um mero colaborador do poeta. “A atmosfera musical está criada e o compositor não tem mais que deixar-se guiar para realizar a matéria sonora”, assegurava. “Basta ouvir Claudel ler e reler o seu texto. Ele fá-lo com uma tal força plástica que todo o relevo musical se desprende, claro e preciso, para quem possua um pouco de imaginação musical.” É que, para além do libreto, Claudel forneceu a Honegger todo um conjunto de detalhes sobre os cenários e até indicações para o enquadramento dramático-musical do texto. Como neste exemplo relativo à primeira cena: “Ouve-se um cão uivar, na noite. Uma vez, duas vezes. À segunda vez, a orquestra junta-se-lhe numa espécie de soluço ou riso sinistro. À terceira vez, os coros. Depois, silêncio [...] depois as vozes, pronunciando distintamente: ‘Joana, Joana, Joana.’”

Composta em 1935, a oratória só foi estreada em 1938, no dia 12 de maio, tendo conhecido uma calorosa receção. Em 1944, compositor e poeta resolveram acrescentar um prólogo à obra original, que alude ao vazio descrito no Génesis





Renée Jeanne Falconetti em *A Paixão de Joana d'Arc*, Carl Dreyer

antes da criação e à escuridão em que estava mergulhada a França durante a Guerra dos Cem Anos. A data em que este prólogo foi composto sugere imediatamente o tempo dos autores, remetendo para uma França ocupada e dividida, quando da Segunda Guerra Mundial.

A peça será apresentada pela Orquestra e Coro Gulbenkian, dirigidos pela maestrina Simone Young. Para além do ator Jean-Philippe Lafont, no papel de Frère Dominique, participam ainda os cantores Ana Maria Pinto, Joana Seara, Deborah Humble, Gilles Ragon e Philippe Kahn.

A estrela da noite será a atriz francesa Fanny Ardant, cuja impressionante carreira inclui dezenas de filmes com realizadores como François Truffaut, Alain Resnais, Michel Deville, Ettore Scola, Costa-Gavras, Margarethe von Trotta ou Franco Zeffirelli, entre muitos outros.

#### FILME E CONFERÊNCIA SOBRE JOANA D'ARC

A anteceder as duas récitas, a Gulbenkian Música programou duas iniciativas para melhor compreender a dimensão desta heroína lendária, que tem inspirado inúmeros criadores ao longo dos tempos. A primeira virá na forma de uma interrogação – Joana d'Arc – uma heroína musical? – e será abordada pelo musicólogo Paulo Ferreira de Castro, numa conferência a realizar no Auditório 3 (**dia 14, 18h**).

A segunda iniciativa recria a história da donzela de Orléans pelo olhar de uma dos mais admiráveis realizadores de todos os tempos: Carl Dreyer. A atriz Renée Jeanne Falconetti compõe, neste filme mudo e a preto e branco, um dos mais comoventes e expressivos papéis da história do cinema. *A Paixão de Joana d'Arc* é exibido após a conferência (**dia 14, 19h**). O filme, realizado em 1928, tem a duração de 110 minutos e é legendado em inglês. ■

# Gulbenkian Música

## Destaques em março

### TEATRO MÚSICA

Teatro Maria Matos

**1, QUINTA, 21H30**

**2, SEXTA, 21H30**

**3, SÁBADO, 21H30**

Nature Theater of Oklahoma

*Life and Times – Episode 2*

Conceção e direção: Pavol

Liska e Kelly Copper

Música original: Robert M.

Johanson, Julie Lamendola

Interpretação: Elisabeth

Conner, Anne Gridley, Fumiyo

Ikeda, Robert M. Johanson,

Julie Lamendola, Alison

Weisgall

### MÚSICA DE CÂMARA

Grande Auditório

**6, TERÇA, 19H**

Viktoria Mullova *violino*

Kristian Bezuidenhout

*pianoforte*

**18, DOMINGO, 19H**

Remix Ensemble

Peter Rundel *maestro*

Sonia Wieder-Atherton

*violoncelo*

### MÚSICA ANTIGA

Grande Auditório

**20, TERÇA, 21H**

Freiburger Barockorchester

Pablo Heras-Casado *maestro*

Kristian Bezuidenhout

*pianoforte*

### ORQUESTRA GULBENKIAN

Grande Auditório

**8, QUINTA, 21H**

**9, SEXTA, 19H**

Pietari Inkinen *maestro*

Dmitri Makhtin *violino*

**22, QUINTA, 21H**

**23, SEXTA, 19H**

Michael Boder *maestro*

*O Anel sem palavras*

### MÚSICAS DO MUNDO

Grande Auditório

**24, SÁBADO, 21H**

Angélique Ionatos

*cantora / guitarra*

David Braccini *violino*

César StrosCIO *bandoneón*

Claude Tchamitchian

*contrabaixo*

### CORO E ORQUESTRA

GULBENKIAN

Grande Auditório

**29, QUINTA, 21H**

**30, SEXTA, 19H**

**31, SÁBADO, 21H**

Michel Corboz *maestro*

Charlotte Müller *soprano*

Anke Vondung *meio-soprano*

Werner Güra *tenor*

Fernando Guimarães *tenor*

Stephan Mcleod *baixo*

Michael Schopper *baixo*

Philippe Pierlot *viola*

*da gamba*

### GRANDES ORQUESTRAS

Grande Auditório

**27, TERÇA, 21H**

Goteborgs Symfoniker

Gustavo Dudamel *maestro*

www.musica.gulbenkian.pt

## Inaugura a 29 de março

### TESOUROS DO MUSEU

*Um vaso grego no Museu Calouste Gulbenkian  
por Maria Helena da Rocha Pereira  
Até 30 de dezembro*

Dando início a uma série de mostras dedicadas a uma peça ou a um pequeno núcleo da exposição permanente do Museu, apresenta-se um estudo de Maria Helena da Rocha Pereira, a maior autoridade portuguesa em Estudos Clássicos, sobre o *cálix-kratêr* ático de figuras vermelhas do século IV a. C. Este vaso, considerado o melhor exemplar de cerâmica grega clássica existente em Portugal, foi adquirido por Calouste Gulbenkian, na venda da importante coleção Hope, através da Christie's (Londres), em 1917. A instalação de um monitor táctil junto da peça irá permitir ao visitante explorar mais detalhadamente a rica iconografia representada no vaso. ■



Pormenor da obra



Frutos Estranhos, de Rosângela Rennó

## Continuam

**ATÉ 7 ABRIL**

**L'HÔTEL GULBENKIAN 51 AVENUE D'IÉNA.**

**MEMÓRIA DO SÍTIO**

Galeria de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian

**ATÉ 29 ABRIL**

**FERNANDO PESSOA: PLURAL COMO O UNIVERSO**

Galeria de exposições da Sede

**ATÉ 6 MAIO**

**A MATA B DE A KILLS B**

CAM

**ATÉ 6 MAIO**

**FRUTOS ESTRANHOS DE ROSÂNGELA RENNÓ**

CAM

**ATÉ 20 MAIO**

**QUATRO ESTAÇÕES DE BEATRIZ MILHAZES**

CAM



*Stones* de Katarína Kerekesová (Eslováquia, 2006)

# O regresso da Monstra

Em março, o festival de animação Monstra está de volta à Fundação, entre outros espaços da cidade, e promete cativar pais e filhos, desta vez com o tema da relação entre a música e o cinema de animação. Fazem parte das sessões integradas no programa Descobrir os filmes produzidos para acompanhar obras musicais já existentes e também projetos nos quais as duas componentes foram desenvolvidas em simultâneo e pensadas como complemento uma da outra.

Organizados em quatro sessões, os filmes exibidos incluem curtas-metragens de animação inspiradas em óperas do repertório clássico, como *Allegro Non Troppo* (1976), de Bruno Bozzeto, cujas ricas animações não deixarão de cativar os mais jovens e de os fazer despertar para este género musical. Também as grandes figuras da música clássica,

como Mendelssohn, Brahms, Bach ou Tchaikovsky, marcam presença, na perspetiva de realizadores das mais variadas escolas e origens. O debate entre autores experimentalistas do som e da imagem está igualmente representado.

Para além dos filmes, apresentados em quatro programas entre 22 e 24 de março, a Monstra contará também, entre os dias 19 e 25, com a instalação *Sync* de Max Hattler, com música de Dennis van Tilburg, e com a exposição de desenhos originais de José Abel para o filme *E Lucevan le Stelle*, realizado pelo próprio.

Esta parceria da Monstra com a Fundação Gulbenkian, pensada para todas as idades, promete continuar a estreitar os laços entre as diferentes formas de arte, a funcionar como introdução das novas gerações à cultura e a colocar a animação na agenda lisboeta. ■

## Fernando Pessoa – plural como o universo

O catálogo da exposição, que pode ser vista até 29 de abril na sala de exposições temporárias da Fundação Gulbenkian, está repleto de documentos, fotografias e textos manuscritos e datilografados que compõem a exposição. Esta publicação não se limita a ser um inventário dos itens expostos, funcionando antes como um guia para a obra de Pessoa. Após uma secção introdutória da autoria dos curadores da exposição, Carlos Felipe Moisés e Richard Zenith, este livro apresenta uma abundante seleção de exemplos representativos da vastidão da poesia de Fernando Pessoa, envolvidos pelo espólio que chegou aos nossos dias.

Resultado de uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho e o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, esta exposição é um fresco da vida e da obra de Pessoa, narrando os seus principais acontecimentos biográficos e relacionando-os com os mais definitivos momentos da sua poesia. Aparecem representados, no catálogo como na exposição, não só Pessoa ortónimo e os seus principais heterónimos, mas toda a multiplicidade de personalidades literárias que constituem a obra deste grande poeta português. Uma das fontes da exposição é a arca encontrada em casa de Pessoa, dentro da qual se encontravam milhares de textos escritos à máquina ou pelo punho do poeta. Esta publicação, mais do que um catálogo, é um documento que ajuda a compreender não só as motivações das criações artísticas de Pessoa, mas também as idiosincrasias do enigmático homem por detrás do poeta. ■

## Fernando Pessoa: o editor, o escritor e os seus leitores

Ainda a propósito da exposição sobre o poeta, surge este livro editado pela Fundação Gulbenkian, coordenado por Richard Zenith, sobre Pessoa editor e escritor e os seus leitores. Cinquenta e cinco personalidades, entre admiradores e estudiosos de Pessoa, dão o seu testemunho, acompanhados por poemas, textos datilografados e manuscritos, correspondência, fotografias do poeta e os seus objetos pessoais.

Os depoimentos recolhidos são de figuras de diferentes sensibilidades que se destacam em variados campos, como ensaístas, pintores, músicos, cineastas ou curadores. Assim, Eduardo Lourenço, Júlio Pomar, George Steiner, António Mega Ferreira, Mariza, João Botelho, José Gil ou Vasco Graça Moura são alguns dos nomes cujas ideias sobre Pessoa vêm enriquecer este documento. O prefácio é de Emílio Rui Vilar.

Como é imediatamente perceptível pelo seu título, o âmbito desta publicação não se limita à obra poética de Pessoa, destacando também a sua menos conhecida – e financeiramente ruinosa, como refere Zenith – ambição editorial. Foi em tenra idade que Pessoa começou a escrever notícias fictícias para jornais humorísticos por ele imaginados, uma vocação que ao longo da sua vida procurou concretizar.

Feito tanto para conhecedores como para aqueles que se iniciam na sublime obra do poeta, de resto dentro do espírito da exposição a ele dedicada, este livro é pela multiplicidade de opiniões que o rege uma adequada homenagem ao autor do repto “Sê plural como o universo”. ■

### Outras edições **Macroeconomia**

António S. Pinto Barbosa

### **Sociologia da Comunicação**

João Pissarra Esteves

### **Reminiscência**

**Como técnica de intervenção psicológica em pessoas idosas**

Rosa Marina Lopes Brás Martins Afonso

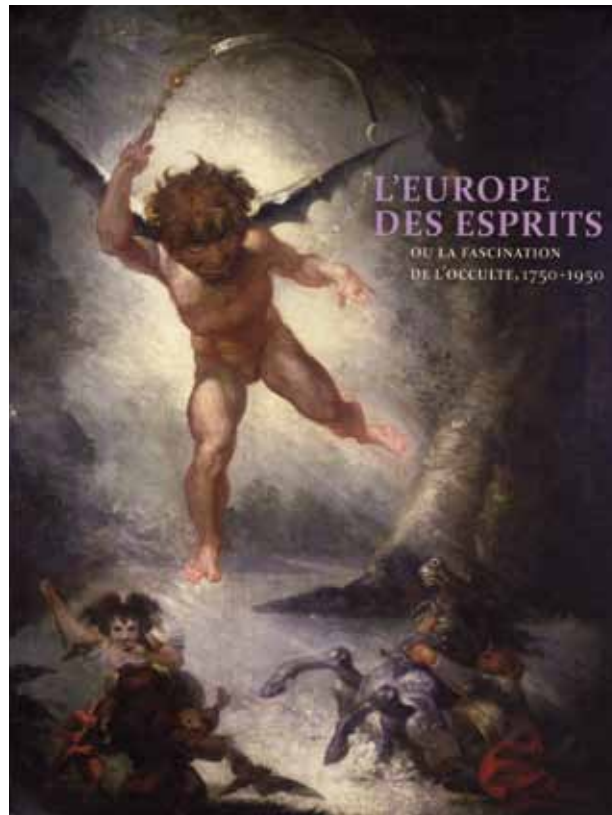
### Reedições **Plantas e produtos vegetais em Cosmética e Dermatologia**

A. Proença da Cunha, Alda Pereira da Silva,

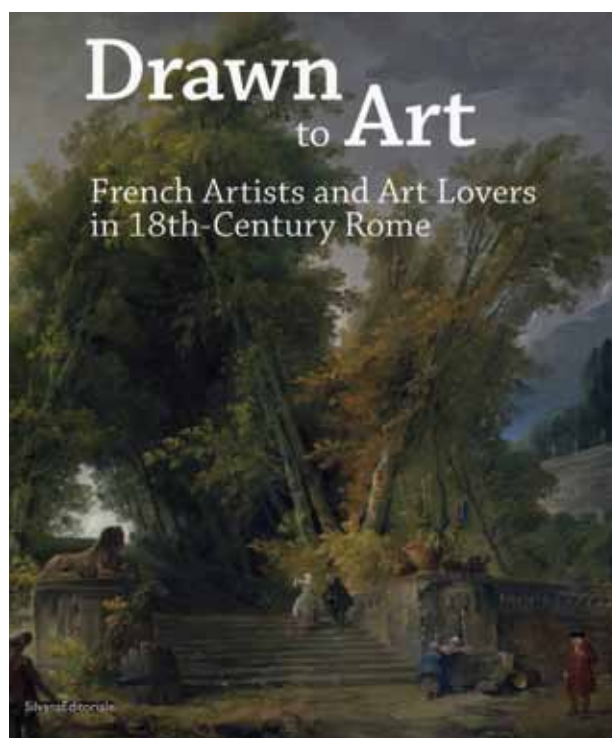
Odete Rodrigues Roque, Eunice Cunha

# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

O oculto e o sobrenatural são os temas da exposição *L'Europe des esprits ou la fascination de l'occulte 1750-1950*, que o Zentrum Paul Klee (Berna) apresenta entre 31 de março e 15 de julho, depois de ter tido uma primeira temporada no Musée d'art moderne et contemporain de Estrasburgo, que a organizou. Embora o fascínio por tudo aquilo que a razão não consegue explicar seja talvez tão antigo como a humanidade, o comissário geral desta exposição, o historiador de arte Serge Fauchereau, escolheu um período crucial da história recente da Europa para explorar de forma pluridisciplinar as diversas abordagens do oculto e do sobrenatural em manifestações artísticas, literárias, científicas e intelectuais. Apresentam-se cerca de 500 obras, onde se incluem objetos científicos, livros e obras de arte, divididos por três núcleos: criação artística – pintura, escultura, desenho, gravura e fotografia, de artistas como Friedrich, Goya, Delacroix, Mondrian, Roberto Matta e Amadeu de Souza Cardoso (uma aquarela da coleção do CAM) – e literária; tradição esotérica com os textos fundadores e iconografia impressa; e relações entre fenómenos ocultos e ciência. O livro/catálogo que acompanha a exposição tem cinco capítulos – Les Romantiques et l'occulte; Symbolismes; Abstractions et autres expressions d'avant-garde; Constellations surréalistes; e Quand la science mesurait les esprits – assinados por diversos autores, é profusamente ilustrado e constitui-se como um ótimo instrumento de pesquisa sobre estes temas. ■



Até ao final do século XVIII, Roma era um destino “obrigatório” do percurso de aprendizagem artística, desejado por todos os que aspiravam a fama e reconhecimento, embora a estadia na Cidade Eterna fosse apenas acessível a um número muito restrito de artistas. Em França, parte desse pequeno grupo era composto pelos vencedores do Grand Prix de Rome, cujo prémio atribuído pela Academia Real de Pintura e Escultura lhes permitia custear as despesas da sua estadia. Esta exposição *Drawn to Art: French Artists and Art Lovers in 18th-Century Rome* que pode atualmente ser visitada no Musée des beaux-arts de Caen (até 23 de abril) mostra cerca de 100 obras – pintura, desenho e gravura – de artistas franceses de Setecentos, como Fragonard, Hubert Robert e Jacques Louis David, que passaram pela Académie de France em Roma. O catálogo que acompanha a exposição tem um prefácio do historiador de arte Pierre Rosenberg e contém, para cada obra exposta, para além da ficha de identificação, um texto de análise e a respetiva reprodução a cores. O catálogo contém ainda uma bibliografia selecionada. ■



## Centro de Arte Moderna

**O32-60****Fernando Lanhas**

**F**ernando Lanhas estudou Arquitetura na Escola de Belas-Artes do Porto (1942-1947) e foi um dos impulsionadores de uma série de experiências plásticas inovadoras que, a partir de 1942, marcam a afirmação da arte abstrata em Portugal. Desde então, desenvolveu uma atividade pictórica singular, reflexo dos seus interesses alargados a várias áreas do conhecimento e desenvolvidos ao longo do seu percurso artístico. Fernando Lanhas teve igualmente um papel fundamental na divulgação científica e pedagógica em áreas como a arquitetura, a astronomia, a geofísica, a arqueologia e a museologia.

A constelação cultural na cidade do Porto nos anos 40 e 50, aliada a importantes espaços de convívio intelectual, contribuiu para o ambiente de grande dinamismo e diversidade que reunia inúmeros artistas. Estas são, aliás, as décadas de afirmação estética da chamada terceira geração modernista, como a apelidou José-Augusto França, da qual Fernando Lanhas faz parte. Contribuiu ativamente para a produção de exposições do Grupo Os Independentes, na organização de conferências e eventos de cujas publicações ficou responsável pelo *design* gráfico.

A obra plástica de Fernando Lanhas está impregnada de uma curiosidade sistemática e exploratória de ordem metafísica. Conceptualiza a realidade, destacando-lhe qualidades menos óbvias, em representações abstratas e essencialmente geométricas. A sua mestria no desenho e a treinada faculdade de observação produzem composições, fruto de rigorosos estudos preparatórios, onde intervêm o ponto, a linha e o círculo, mas também um elaborado jogo de figura-fundo, de formas incompletas e flutuantes, dispostas num cuidado equilíbrio de relações de escala, espessura e profundidade.

A tela *O32-60*, título que significa “óleo, obra número trinta e dois, realizada em 1960”, é um notável exemplo de uma abstração geométrica que inspira uma experiência de “paisagem”. Através de uma profundidade de campo entre uma estrutura arbórea e uma forma lunar, apresenta-se em cinzas e azulados suaves, tons característicos do cromatismo criado pelo artista e que consiste numa paleta constante de cores naturais, produto do pó resultante da moagem de seixos recolhidos do mar. Inclui-se num período em que Lanhas transforma em signos plásticos formas que suavizam as suas composições não-figurativas. Com o intuito de produzir aproximações entre a arte e a natureza, tornando o efémero perene pelo ato sensorial da fragmentação, repetição e multiplicação, este trabalho inscreve-se numa obra feita a partir de matérias tão distintas como papel, rochedos e o registo dos seus sonhos. A atitude modernista de Lanhas distingue-se do vocabulário neorrealista dominante, pela supressão da dicotomia forma-conteúdo, pela possibilidade que isso lhe trouxe de dar evidências a outras dimensões da realidade e por poder orientar a sua singular predisposição para o desconhecido, numa intensa atividade de experimentação. ■ **Sofia Ponte**

*O32-60, 1960*

**Fernando Lanhas (1923-2012)**

*Assinado e datado*

*Óleo sobre cartão; 73 x 93 cm*

*N.º Inv. 84P141 – Coleção do CAM – Fundação Calouste Gulbenkian*



# Angelique Ionatos

"Uma voz grave,  
delicada e perfeita"  
LE MONDE

MÚSICAS DO MUNDO

24 Março  
SÁBADO 21:00h — *Grande Auditório*

## *Eros y Muerte*

Angelique Ionatos CANTORA / GUITARRA  
David Braccini VIOLINO  
César Strosco BANDONEÓN  
Claude Tchamitchian CONTRABAIXO

Bilhetes à venda  
[WWW.MUSICA.GULBENKIAN.PT](http://WWW.MUSICA.GULBENKIAN.PT)

GULBENKIAN  
MÚSICA



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN